

Officina de Freitas Júnior
Rua José Publico 12

A FLORESCENCIA

Orgão do Centro Litterario "Amadeu Amaral"

Redacção: Rua General Osorio, 121



Director: COELHO DE ARAUJO

ANNO I

S. PAULO, JUNHO 1917

NUM. 12

UM ANNO

Caminhando sempre para a frente, embora parando aqui, por momentos, diante d'um vento adverso; tropeçando alli, exhaustos e indecisos, depois de um temporal impetuoso; e, correndo acolà, fortalecidos e contentes, ante à viração fresca e saudavel que annuncia uma aurora brilhante, chegamos hoje, finalmente, ao primeiro ponto que tinhamos em mira, ao fim da primeira phase da nossa tortuosa jornada.

Arrostando e vencendo de uma a uma, as infinitas difficuldades que a cada passo se nos apresentam face a face, eis-nos que chegamos ao fim do nosso primeiro anno de lucta acerrima em prol do Ideal que haviamos sonhado!

Superando as milhares de adversidades, os pontos obscuros e desconhecidos do viver, e, todas as cousas incompreensiveis e incertas do destino implacavel, fazemos com o presente o nosso primeiro anniversario, o nosso primeiro anno de combate neste esteril, immenso e sublime ramo do cultivo humano!

Se não com brilhantismo e com illustração, ao menos com devotamento, com enthusiasmo, com firmeza, com altivez e com energias caminhamos para adiante não voltando jamais o rosto para traz da viagem percorrida, não poupando esforços, não medindo sacrificios; caminhamos sempre confiantes no futuro, indifferentes à critica dos inimigos, às injurias dos invejosos, às calumnias dos máus, desprezando todas as procellas da sorte iniqua e as dos homens vis!

Nesta marcha lenta e demorada, percorrida de passo a passo, eis-nos chegados ainda firmes, resolutos, ativos e esperançosos, ao ponto final da primeira phase do nosso viver, da nossa lucta em prol da educação do nosso espirito.

Errámos e errámos muito, durante este primeiro anno de vida

jornalística e litteraria; porem, não é isto motivo para que nos desanimemos e sim que nos fortaleçamos para, durante o resto dos nossos dias, não errarmos tanto, ou antes, não errarmos mais. Por termos errado não é motivo para que não prosigamos na nossa marcha evolutiva, atravez da massa compacta e obscura do desconhecido, em que nos empenhamos, pois, todos erraram, todos erram e todos errarão, sejam discipulos ou mestres, velhos ou moços, homens ou semi-deuses!

Assim, tendo por lemma este principio, havemos de caminhar, havemos de luctar como temos caminhado e luctado, isto é, sempre em prol do mesmo Ideal, e, sempre esperançosos no futuro!

Esperamos merecer, durante o anno que no proximo numero encetaremos, a mesma attenção dos illustrados collegas e o mesmo benevolo acolhimento da parte dos nossos amaveis e distinctos leitores e collaboradores. Se assim acontecer, desde já, lhes agradecemos, prometendo-lhes sermos mais cuidadosos, não deixando que appareçam tantas lacunas e tantos lapsus como tem acontecido nos nossos numeros anteriores.

ELLA

*Ella: Seu porte lembra a graça airosa
D'uma palmeira que se alteia, e o rosto
De um morenado—jambo cor de rosa
Tem a tristeza, ás vezes, do sol-posto.*

*Das damas é, talvez, a mais formosa
Que assim se traja, com tal garbo e gosto,
É a quem minh'alma segue curiosa,
A perscrutar-lhe a causa do desgosto.*

*Quando ella sae, alheia, indifferente
Ao que murmura em torno toda gente,
Até nas flores um prazer se agita.*

*Morrem nas boccas indiscretas phrases,
Todos se curvam—velhos e rapazes,
E tudo exclama: Que mulher bonita?*

FRED. WANDERLEY

(S. Paulo)

Discurso

pronunciado no salão nobre do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, por occasião da sessão magna em homenagem á memoria do dr. Alfredo de Toledo.

E' sob profunda e sincera emoção que nos associamos ás homenagens que hoje se rendem á memoria veneranda de Alfredo de Toledo.

Tanto maior e mais justo o nosso sentimento, quanto a effloração desta personagem, roubada á vida em idade relativamente moça, mas em plena maturidade de ideas e de saber—faz-nos lembrar o commovente periodo da historia do Brazil, em que a intrepidez dos bandeirantes doou á patria estremecida os mais inestimaveis thesouros de que se pode orgulhar a nossa raça.

Ao par das infinitas riquezas de ordem material, conquistadas á custa de invencivel tenacidade e de uma fé inquebrantavel, aquelles heroicos antepassados legaram tambem á gerações modernas este punhado de virtudes civicas, que constituem o apanagio da alma paulista, e que se depuram nos corações de escol, como o de Alfredo de Toledo, cuja recordação paira hoje nesta casa, semelhante a um elo de amarguras unindo as nossas almas na communhão da mais pungente saudade.

Si é temeroso tirar conclusões acerca do character, das tendencias, dos sentimentos, da psychologia em fim, de um povo, tendo-seem mira um individuo apenas, ou mesmo alguns individuos componentes, como parcellas deseguaes que são, do todo social—a verdade manda, comtudo, que em claro de excepção seja aberto á individualidade caracteristica, genuinamente paulista, de Alfredo de Toledo. E não sabemos o que poderá ser mais honroso do que guardar no coração e realizar na vida todas as virtudes e, quiçá,

A feiticeira

(Ao Ignacio Tatulli)

*Dizem que é uma mulher que sempre passa,
Quando já morre o sol, á minha porta,
Possue um rosto de creatura morta,
Veste lhe o corpo esfarrapada cassa.*

*Quanta tristeza o peito seu comporta!
Quanto queixume o coração traspassa!
Não tem da mocidade o riso e a graça,
Indifferente a tudo, a tudo morta.*

*Move com custo, o vagaroso passo,
Todo o seu ser, é um corpo frio e lasso.
Vive sem fé, sem Deus, sem pão, sem lar.*

*Eu quando a vejo triste, assim passar,
E na bocca do povo: — a feiticeira!
Lamento a vida e a natureza inteira.*

MANOEL DUARTE

28-3-1916

Soneto

*Não rias, oh rico, de gesto imperante,
Altivo senhor de viver soberano,
Do pobre que pede de vóz penetrante
E segue humilhado o seu fado tyranno...*

*Não queiras, oh pobre, de triste semblante,
Oh nauta perdido em bravo oceano,
Do rico que passa, altaneiro, triumphante,
O gozo, o regalo, que o tornam ufano...*

*Não dura a pobreza, não dura a riqueza:
O rico de meios tem alma pequena
E encontra nas ancias da morte uma pena.*

*Não dura a riqueza, não dura a pobreza:
O pobre de meios tem grande a sua alma
E rindo ao morrer, faz conquista da palma.*

ALFREDO TEIXEIRA GRAÇA

(S. Paulo)

Amor e Arte

*De minha inspiração tu és a Semidea,
Que em bandos infantis meus sonhos vão beijar;
Tens na bocca estampado o riso de Phrynéa,
Na face a pallidez marmorea do luar.*

*Eu sou o Pigmalião, tu és a Galatée;
Na tela de um soneto, após te desenhar,
Namorando o painel da primorosa estrea,
Eu cahi subjugado á luz do teu olhar.*

*Não sinto no meu peito um puro amor nitente
Mas um fogo voraz—de mais possante amor,
Que é só proprio de ti, ó virgem sorridente,
!*

*Se tu nunca viveste e eu nunca fui pintor,
Quem és tu? quem sou eu por uma ignota
crença?*

— Ó, tu és a poesia, eu sou o sonhador...

SERGIO RIBEIRO

30-4-1917.

muitas das fraquezas, donde se originou, consubstanciando-se com o correr dos tempos, este patrimonio inestimavel de glorias que a nossa historia regista, em synthese, nas suas paginas.

Bem desvanecedora significação devem ter as palavras do eminente professor Austregesilo, com referencia ao desenvolvimento deste Estado—porque partiram de uma intelligencia conhecedora de todas as modalidades da manifestação do progresso. Affirmou aquelle escriptor e notavel scientista que S. Paulo é um phenomeno da raça latina, no seu aspecto luso-brasileiro.

E si, na realidade, S. Paulo caminha na vanguarda dos outros Estados da Federação, servindo-lhe de modelo e de estimulo, é porque aqui se encontra, como talvez em nenhum outro recanto do Brasil, uma pleiade consideravel de homens, cuja fibra é retemperada no crisol das energias masculas, guiada e illuminada pelo fulgor de uma intelligencia clarividente e robusta.

Haja vista Alfredo de Toledo. Oriundo de uma familia nobre, tendo a correr nas veias o sangue azul de lidima nobreza, foi, com tudo, em obediencia aos impulsos do seu coração generoso e da sua notavel cultura scientifica, um paladino infatigavel da democracia em nossa terra, já pela propaganda feita por meio da imprensa do paiz, já pelo seu procedimento pessoal cheio de modestia, desprendido em cordura e amenidade.

Depois de muito batalhar dentro dessa illuminada orbita dominio da intelligencia, que a natureza houve por bem reservar ás almas privilegiadas, foi arrebatado para a algidez da sepultura, sem desaparecer, não obstante, da terra, para sempre; porque, relativamente aos que morrem com a fronte coroada pelos diademas da gloria, rodeados pela aureola da admiração e do agradecimento da sociedade— a esses não fica bem repetir, do nosso ponto de vista, os verso de Vicente de Carvalho:

«Que é a morte, afinal, que tanto horror merece?

— Mais um degráu da escada

Por onde eternamente a vida sobe e desce

Do nada para o nada.»

Para ellas, para essas almas— perdõe-nos o poeta a pallidez da paraphrase—o conceito da morte poderia enunciar-se:

Que é a morte, que aterra a toda a gente?

— Capitulo da Historia

Por onde a vida sobe, eternamente,

Do nada para a gloria.

CAIADO DE GODOY

A reforma do nosso Codigo Penal

A questão da reforma do nosso Codigo Penal, já foi, por diversas vezes ventilada em nossas Casas de Congresso. Os varios projectos apresentados nesse sentido, e que no seio das Commissões especiaes das referidas camaras, foram obje-

ctros de criteriosos estudos, provocando serios debates, demonstraram a importancia de tal empreendimento, palpavel desde então, e cuja necessidade maior se tornou no decurso dos ultimos annos.

Apezar de iniciados ao bafejo de promissôras esperanças não passaram taes esforços de méras tentativas, que cedo se mallograram, devido ao desalento que invadi, o animo dos seus iniciadores, e, assim, continua a nos reger a codificação penal de 1890.

Como bem disse um dos mais illustres membros da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, o Codigo que entre nós vigora presentemente, está muitos annos afastado do actual momento juridico, e em uma brilhante exposição de motivos, essa luminosa aggremação, innegavelmente o expoente maximo da cultura juridica em nossa terra, fundamentou uma representação dirigida ao Congresso Nacional, lembrando a necessidade inadiavel dessa reforma tão justamente desejada.

Nada mais louvavel do que esse gesto cheio de sabedoria e civismo da pujante instituição, em cujo seio brilham intellectuaes patricios, de extraordinario valor, entre os quaes se destaca a personalidade illustre de Ruy Barboza.

Apellando para os poderes publicos, a Ordem dos Advogados do Rio, pela sua competente palavra, mostrou o interesse elevado por um problema de real importancia, devido ás innumeradas vantagens que d'elle decorreriam.

A sua realização representaria um bello triumpho para a nossa Patria, contribuindo para por em destaque as nossas qualidades de povo culto e que comprehende o valor de uma boa codificação penal, na distribuição da justiça, pois, as disposições leaes, apresentando-se com a devida clareza, muito influem em proveito dos interesses individuais e collectivos.

O Código de 1890 é muito lacunoso e são numerosas as imperfeições nelle contidas, conforme noi-o attestam os illustres juristas que o tem commentado, como Vieira de Araujo, Bento de Faria, Viveiros de Castro, Macedo Soares e outros.

Souza Lima, cuja lições tanto admiramos, faz observações justamente reclamadas, sob o ponto de vista medico legal. Para corroborar ainda mais o que aqui allegamos, basta lembrar as innumeradas leis decretadas posteriormente à promulgação do citado Código, umas revogando disposições anteriores, outras dispondo sobre materia nova, até então nelle omitta; foram ainda assim definidas novas figuras de delictos que evidenciam a sua imperfeição.

Outra irregularidade que nelle se nota, e que despertou a attenção dos competentes na materia, é a desproporcionalidade existente entre certos crimes e respectivas penas; isso representa um grave inconveniente para a efficacia da repressão, provocando no espirito popular um certo movimento de desconfiança.

Reformado que fosse o nosso Código, nelle seriam integralisadas todas as leis esparsas e assim teriamos uma prompta e perfeita legislação penal.

E' verdade incontestavel que a garantia da paz e ordem que devem existir na sociedade, constantemente abaladas pelos violadores das leis, decorre principalmente da severa e efficaz punição desses mesmos transgressores, mas para isso é mister a existencia de uma boa organização penal.

O actual Código Penal, promulgado logo apóz o advento da Republica, quando ministro da justiça, o saudoso Campos Salles, e que traz impressas nas suas paginas as fulgurações do saber de eminentes juristas do Imperio, foi

para o seu tempo um dos mais adeantados, o que nos deve ainda encher de orgulho, mas, que não pode estar á altura do espirito moderno, devido ao progresso da sciencia criminal.

Completar essa obra gloriosa, que surgiu a sombra fecunda do saber juridico de eminentes patrios nossos, é uma incumbencia que se impõe aos nossos cultores do direito; só assim seria a nossa Patria dotada com mais um monumento juridico que, ao lado do Código Civil, honraria a pujante civilização brasileira, intensificando ainda mais a auréola de prestigio que a cerca.

Lembremo-nos que muitos foram os projectos apresentados sobre tão urgente reforma, não logrando sequer passar das pastas das Comissões especiaes das nossas Camaras!

Vieira de Araujo, prefaciando o seu *Código Penal interpretado*, faz referencias a esses maogros lamentaveis, e mórmente sobre o do projecto de 1899, que, depois de discutido e apoz ter soffrido muitas emendas, não foi convertido em lei!

Os nossos legisladores, procurando justificar essa lamentavel protelação, allegaram que a mesma foi motivada pelo facto de estar a Comissão nomeada para esse fim, entregue aos estudos referentes á elaboração do Código Civil, obra de necessidade mais urgente.

A occasião que agora se nos apresenta, é perfeitamente favoravel para a reforma do nosso Código. O Congresso Nacional, agirá conscienciosamente, attendendo ao apello da Ordem dos Advogados do Rio.

Si esperarmos, como diz Macedo Soares, a ultima palavra em materia de legislação penal dos povos cultos, ou das ideias e theorias consequentes do progresso da sciencia juridico-penal, jamais alcançaremos a méta almejada.

Já temos o glorioso Código Civil, e contemplando, cheios de confiança e fé nos nossos esforços, o maior monumento juridico do continente americano, cooperemos irmanados pelo mesmo calor do entusiasmo, para que se torne em realidade o projectado Código Penal, que digificará certamente a

nossa Patria, como a obra magestosa, desses espiritos de escól, que são Ruy Barboza e Clovis Bevilacqua.

FIRMIANO PINTO

Ortografia e ortoepia

«*Vocabulario etymologico, orthographyco e prosodico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega*» é o titulo de um excelente livro que, ha já tempos, fez publicar o nosso èmerito helenista Barão de Ramiz Galvão, enriquecendo, assim, a nossa lingua com uma obra de raro valor, e cuja falta muito se fazia sentir.

O notavel mestre corrigiu admiravelmente os erros que vêm perpetrando os nossos escritores e cientistas menos escrupulosos: ora nos apontando a etimologia de um vocabulo inda desconhecida, ora a boa pronuncia de outro, e, além disso, ha no seu belo vocabulario palavras de bom cunho que se não acham registadas em outros lexicos; portanto, achamos que este excelente livro deverá ser conhecido não só pelos que cuidam da ciencia, mas tambem pelos que estudam a nossa lingua.

Diz muito bem esta verdade, longo na introdução do seu livro o nosso mestre:

“A verdade é que estão por fixar a orthographia e a prosodia da lingua portugueza; cada qual sem exame e sem respeito a regras vae escrevendo ou pronunciando a seu talante”

E' verdade: temos, e ao mesmo tempo não temos orthografia. E porque não adotamos definitivamente a orthografia fonética tão bem elaborada pelos insignes filólogos Gonçalves Viana e Candido de Figueiredo, verdadeiros paladinos da simplificação orthográfica? E' já tempo de acabarmos com essa grafia horrivel que a chamam uzual; é tempo de pormos um dique a essa grafia arbitraria e absurda. Uniformizemos, portanto, a ficsação orthográfica, simplifiquemo-la, porém, á luz das boas doutrinas.

Deplorámos, sinceramente, que o nosso eminente mestre não seja adepto da simplificação orthográfica, pois o doutor Ramiz Galvão condena injustamente esse modo de grafar; porém, o que é facto, é que a simplificação orthográfica é uma campanha que vai a caminho do triumpho, no dizer do abaladíssimo professor Mario Barreto.

Contra a grafia fonética, opõe o mestre: *que o portuguez se não deve divorciar acinte das linguas cultas, muitas dellas nossas irmãs.*

Estamos, neste ponto, em opposição ao mestre. Ora, se grafármos etimologicamente, é claro, aí é que estamos divorciados das nossas principaes irmãs latinas, como o italiano, o espanhol, etc..., linguas estas que adotam uma orthografia bem melhor que a nossa, basta, pois, dizer que nestas linguas não ha os desconhados grupos *ph, th, rh*, etc..., em nenhuma palavra; excepto o francês que tem uma orthografia igual, ou piór que a nossa e,

ILLUSÃO QUE MORRE...

A. L. de C.

Ella estava de branco e tão contente
Que eu parecia ver, em agonia,
Uma pura visão que louca ria
Do meu semblante triste e descontente.

Ah! como era orgulhosa e resplandente,
Como também altiva, ella sorria,
Que demonstrava ter, em alegria,
A sua alma feliz e refulgente.

Pelo contrario tento dolorida,
Esta cruciante, negra, esta alma pobre
De ventura e de fé... D'alma ferida,

Em pleno coração, eu sinto um dobre,
Que me annuncia a morte d'esta vida.
D'este meu coração que o peito cobre...

COELHO DE ARAUJO

S. Paulo, 24 -5- 917

Esplendor!...

Viceja a primavera!... A humanidade
Como que se espreguiça sensualmente..
A vibração da vida tudo invade
Aspirando o prazer, ardentemente!

Nas vertigens de luz, na claridade,
Ditosos bandos passam de repente,
De namorados, a sorrir, na idade
Onde estremece o sonho idéal e ardente!

Como que sente palpitante, a relva,
D'harpa de amor o triumphante grito
Que resôa entre glórias pela selva...

Um regio manto o Rei da Lua desfralda...
Qual perola incrustada no infinito,
Florescendo em chiméras de esmeralda!...

NATHERCIA V. DE ANDRADE

MENDIGA

Passa na rua a misera pobreza:
Uma meina—fior que se estiola
Aos beijos da miseria—triste enrola,
Nuns farrapos, um corpo de marqueza.

A coitadita, a bella, a prece evolva
De seu peito, em murmurios de tristeza,
Dos que passam, á estúpida frieza,
P'elindo, por Deus, supplice, uma esmola.

Vive arrastando a cruz de sua vida,
Sem lar, sem pão; oh soffrimento amaro!
Chorando a mãe ha tempo já perdida.

Coitadinha!... Tão só, naquella idade...
O que seria del'a sem o amparo,
Da incomparavel fada—a Caridade?

BEATRIZ N. MOREIRA

(S. Paulo)

incontestavelmente, a perniciosa influencia franceza tambem muito ha contribuido para a nossa má grafia.

O doutor Ramiz Galvão tem tanto amor á etimologia que chega a grafar *septe*, *character*, *chirurgia*, *puncto*, *eschôla* e tantos outros. Entretanto, sendo o mestre um etimologista intranzigente, manda que se escreva *charta*, com *h*, quando em sentido de mapa geográfico, topográfico, e, *carta*, sem *h*, como o uso consagrou, isto é, no sentido de missiva, epistola, etc., mas si ambas vieram de uma mesma raiz para que esta distincção? E como o povo consagrou este uzo, consagrou tambem o de si escrever *sete*, *caracter*, *escola*, *ponto*, etc; portanto, não achámos que o mestre seja coérente neste ponto. Escrevendo-se *septe* é natural que se escrevam *compar con cepto*, etc., que são grafias etimologicas, mas que ninguem, hoje, escreve, e, como mesmo, muitissimo bem, observa o nosso preclaro mestre: *Para que o systema etymologico pudesse ser rigorosamente applicado á graphia de todos os vocabulos, fora mister que a lingua se fizesse desde o seu berço no gabinete dos sabios. Não são elles só; é principalmente o povo quem a faz.*

Admira-me ainda, que, sendo o nos so grande humanista partidario da grafia etimologica, grafie portuguez com *z*. Ora, sabemos e assáz que a etimologia manda escrever com *s*, e os trabalhos dos eminentes filólogos Gonçalves Viana e Candido de Figueiredo occuparam muito bem disso; emfim, cá no Brasil, eruditos como Rui Barbosa e Mario Barreto, assim, tambem o escrevem.

Quanto á parte referente á ortoepia, o sabio mostre não só emendou as palavras mal pronunciadas, como tambem emetiu regras, perfeitamente sans, afim de se unificarem outras que, até aqui, não foram convenientemente tratadas pelos lexicógrafos.

Assim, *calidoscopio*, emenda Aulete e Figueiredo e manda, aliaz muito bem, que se escreva *calidoscopio*, porque, diz o mestre, o ditongo *ei*, grego, deverá passar para *i* portuguez; portanto, concluindo, devemos escrever e pronunciar *calidoscopio calidofonio*, *semiologia*, etc.

Aristocrata, *demo rãta*, *acrata*, o mestre nos aponta a boa pronuncia, que é a parcesitona, como o uso generalizou a acentuação *parocsitona*, acha que não devemos innovar.

A proposito das palavras terminadas em *ia*, propõe o mestre esta regra, como elle mesmo o diz *a bem da regularidade da lingua*:

Terá acento tónico no *i* as derivadas de raiz grega que significarem molestia ou defeito fisico, como *anemia*, *polidipsia*, *asquitolactilia*, *catalepsia*, *neuralgia*, *hipermia*, *esquemia*, *acatisia*, etc.; modo de estar ou de ser de qualquer individuo como, *monadelfia*, *poligamia*, *letargia*, *cartomania*, etc.; arte ou acção de fazer alguma coisa, como *hidroterapia*, *flebotomia*, *anatomia*, *politomia*, *antropofagia*, etc.; nome de ciencia ou doutrina, como *filologia*, *fisicologia*, *zoologia*, *geometria*, *heterogenia*, *filosofia*, *teologia*, etc.

Serão parocsitonas os nomes que significarem classes ou ordens botanicas, (sis tema de Linen), como *monandria*, *didinamia*, etc; os de animaes, cousas, plantas e pedras, como *artezia*, *arteria*, *aristoloquia*, *artemizia*, etc.; os tropos, figuras de retorica, como *autonomazia*, *metomimia*, *ezergrafia*, *rapzodia*, *prosodia*, *tragedia*, etc., exceptuando *alegria*, por ser sua pronuncia já consagrada.

Assim temos uma regra perfeitamente boa e logica para pronunciar, com maior facilidade, as palavras que, porventura, tenham terminação em *ia*; emfim, podemos acreditar que esta regra tão-simples e clara será seguida por todos os que falam e escrevem a nossa lingua, devido ser de facil comprehensão.

Como doutrina o mestre, devemos sempre pronunciar: *arquétipo*, *aerólito*, e não *aerolito* como erradamente grafaram e acentuaram os lexicógrafos antigos, pois é tempo ainda de corrigirmos; *cartomancia*, *aeromancia*, *necromancia*, não sendo acordes os lexicógrafos e para acabar com esta desordem, manda o mestre que se pronuncie com o acento tónico no *i*, porque o *i* longo latino veio do grego *ei* como *manteia*, etc.; *aerostato*, *prostata*, *apostata*, *acrobata*, *agripnobata*, embora acentuem na penultima silaba, o mestre corrige e grafia com o acento tónico na antepenultima *mizantropo*, *filantropo*, *clorofila*, devem ser pronunciadas com o acento tónico na penultima silaba e não, como erradamente pronunciam, com a acentuação na antepenultima; *kilo*, *kilograma*, diz o mestre: *é grafia viciosa que já não deve corrigir, desde que os vocabulos a tornaram de uzo vulgarissimo*; emfim, se

hoje grafamos, erradissimamente, *kilo* e quejandas com *k*, repetimos, é devido a influencia franceza, porque é a unica lingua latina que assim escreve, depois da nossa. O italiano, o espanhol escrevem legitimamente com *ch*, como *chito*, *chilograma*, etc.; mas como o erro já é consagrado o que fazemos é aponta lo para vergonha, remorso, e deshonra de todos que assim escrevem, como bem diz Figueiredo.

Concluindo este despretenciozo trabalho, dizemos mais uma vez, que o livro do sabio mestre, pela excelencia do metodo e do assunto, se já não ocupa, irá certamente, ocupar um lugar proeminente, de verdadeiro destaque na literatura de ambos paizes onde se fala e escreve a majestosa lingua portuguesa.

S. Paulo—1917. DIRCEU DE MORAES

Elogio ao crepusculo

Saibos roceiros. Arvoredo farto dentro da treva que desmaia e alvorada de passaros. Apollo em breve entrará em scena, prova-o o vermelho do levante que avança a meio-céo. Raras nuvens pintalgam-se nas tintas do crepusculo matutino, e os astros se rarepazem.—Crepusculo sadio do campo! quanto vos amo!

Bebe a alma em vosso seio, a vida, o bem, e aprende a ser feliz como um pesto; Sente-se feliz a alma em vosso seio, porque tende os pessaros a saudarvos, a luz matutina, e possuis o tudo que compõe a innocencia...

Dentro de vós a malediscencia, a intriga, os peccados, são accções mortas como os vocabulos do sans cripto. Encantaes a alma que vos contempla, porque possuis todas as harmonias, todos os rythmos, todos os symbolos das cores e das muzicas que a humanidade



DESILLUSÃO

[Apoz a leitura de um poema de Sampaio Junior]

Quando parti, mulher, eras bem moça e bella.
Teu corpo esculptural em plena adolescencia,
Fazia reviver na mystica apparencia,
A virgem que Murillo extravasou na tela.

Nos labios teus pairava o riso da innocencia...
Eras meu sol de amor, minha polar estrella...
Meu sonho e meu porvir, guiando-me a existencia,
Como um raio de luz em noites de procella.

Regresso enfim d'alem : teu lar ? — abandonado !
Os sonhos desse amor immenso ? — um vão delirio !
O teu sorrir de agora ? — o fel domeu martyrio !

Odeio-te, perdida ! em ti somente vejo
A torpe corteza dos antros do peccado,
Vendendo com cynismo as sensações do beijo !

RIO

Pierre Luz



RETRATO

Dos frouxos versos meus, na tela meiga e pura,
Vou retratar-te agora, adoravel Odette.
O poema santo, augusto e nobre da Ventura,
Teu virgem coração, mimosa flor, reflecte.

Se acaso falas, quanto amor, quanta doçura,
A tua melodiosa e branda voz, promette !
À luz de teu olhar, tão cheia de ternura,
Fascina, enleva e atrae, como um forte magnete.

Tudo em ti me seduz : o teu egregio porte,
Tua graça celeste, a cinturinha breve,
O odor de tua trança, o sangueardente e forte.

Se sorris, teu sorriso accende-me o desejo,
De um dia t'o roubar, ideal floco de neve,
Num ardente, fogoso e apaixonado beijo !

S. Paulo, 13-6-1917

José Jorge das Neves

parcamente imita, degeneradamente deturpadas...

Possuis tambem virtudes ; a sinceridade mora em vosso seio. e os vossos halos parece, innoculam a crença e a fé, no seio, da alma que vos contempla ! E não precisa concentração para vos sentir benefico, para vos sentir immaculado e puro... Para vos saber puro immaculado e bom, basta a saude que a alma bebe pelas mãos das brisas; bastam os r'assaros com quem a alma aprende harmonia, e as vossas cores nas quaes a alma sorve a poesia !

Cachoeira, -1917.

Ovidio de Castro

Os Meus Amores

Creança, bem creança, pois, ainda não abandonara os folquedos infantis que, ao descambar do sol, são proprios aos garotos; esses folquedos que, da aurora da nossa existencia, são legendas do inverno d'esta vida, passada entre risos e dores, esperanças desillusões. Eu quiz... eu fascinei me pos esses sonhos que ouvia cantados, em todos os tons, matizados em todas as côres, nos labios dos felizes namorados, e jurei a mim mesmo que provaria o sabor desse fructo tão agradável para um e para outros tão amargo. Atirei-me então a procura de mulher que povoaria minha existencia de sonhos e chimeras.

Encontrei, dias depois, essa que, na minha pobre imaginação, julgava sêr o ideal tão procurado.

— Julieta, assim se chamava es-

sa cujo labios que na apparencia, eram um poêma de amor e de bondade, tinha um sumo mais amargo que o fel cujas palavras escondiam sob a poesia e o colorido da linguagem, a baba horripilante da trahição. Amei-a amei-a sim, mas dentro em breve, cahio em profundo abatimento, ao conhecer a hypocrisia d'aquellas palavras, a podridão d'aquella alma corrupta.

Desilludido, atirei-me ao flirts passageiros, esses flirts que menos mal nos fazem ao coração : assim, durante trez annos enganei a trina ou mais meninas que tambem não faziam se não enganar a mim e outros tantos apaixonados.

Mais tarde, matando meu e casso tempo na leitura de romances, deparou-se-me «A Moreninha» a causadora do meu segundo desastre. Mal acabará a leitura d'essa obra prima de «Macedo» e ja era o ardente apaixonado de Nene que, se como a primeira, não escondia, sob a mascara da hypocrisia, o fel da trahição, pouco, muito pouco caso fez das minhas juras.

Pela segunda vez desilludido, achei-me rodeado de amores fingidos e passageiros; Lucia, Laura, Beatriz, America, Yaya, Diva, e mi-outras, tão lindas quão levianas fizeram-me esquecer bôa parte da minha amargurada existencia.

Uma tarde, na hora em que Diana, a terna caçadora derramava sob nós a sua luz argente-a, enchendo-nos de inspirações, povoando de sonhos e poesios os nossos fracos cerebros; apaixonei-me pela terceira vez: foi Maria o meu ultimo sonho de estudante ameia. E ella... fingiu

amar-me. Como a primeira, escondia sob a linguagem facil e poetica, sob o olhar terno e apaixonado, a ferocidade do abutre prompto a lançar-se sobre a victima fraca e indefeza. Amei-a com a mesma intensidade que amava as outras e ella trahiou-me com a mesma facilidade e frieza que Julietta...

Desenganado com os amares de grande cidade, amores de capital, quiz experimentar as amores mais simples, os amores de aldeia.

O primeiro sonho, foi por uma jovem na qual eu amava a candura do todo, a correcteza dos traços o siageleza dos gestos e a seriedade do seu eu.- Nada conseguí, pois si n'essa aldeia, me chamavam, as moças ao principio, o triste, era dentro um pouco conhecido pelo «o nosso»

A segunda não direi quem foi; direi somente que, tendo eu, por norma de vida, olhar e admirar as filhas de Eva fui em breve desprezado porque, tola que era ella, não me soube comprehender. Quanto á terceira, Oh... nessa eu amei-a poesia, a arte, a graça, a esbelteza e... nada mais, pois é ella, como um Beija-flor, inconstante, e phantasia como o são todas as poetisas.

Só então, após essas seis perigosissimas provas, convenci-me que o amor não existe nas mulheres, e que tambem com alegria comprehendí, que tudo quanto eu sentira pelas trez filhas de Eva, não era amor, pois o amor é um sò e eu amara seis; tudo que eu sentira por essas viboras enjauladas

Pefis Academicos

I

J. H. COELHO DE ARAUJO

E' filho do Ceará, é brasileiro,
Quem nestes fracos versos eu perfilo;
O seu olhar encanta o mundo inteiro,
Como a tudo encantou Venns de Milo...

Sob sublime, divinal luzeiro,
Descreveu Meruóca em doce estylo;
E quem o lé julga estar, altaneiro,
A' frente de um trabalho de Murielo.

Sorridente, de porte afidalgado,
Eis que a noite se abala para o Braz,
Morando, eu sei, muitissimo afastado...

Mas isto não faz mal, o ruim será,
Que o bairro faça com que este rapaz,
Jamais queira saber do Ceará.

(S. Paulo)

ALANUS TITUS GALLUS

II

ALFREDO TEIXEIRA GRAÇA

Seu olhar soberano tudo vence,
Seu porte grave a todos escraviza,
Seu fallar harmonioso martyriza
E a sua illustração tudo convence.

Quem não conhece aquelle que pertence,
A' classe de pintor que symbolisa
Quadros, paizagens, scenas e deslisa
Nos páramos do fogo, onde detem se?

Poeta, deus do Sonho e da Chiméra,
Vive só da illusão, dos seus anhelos,
Pois, como sonhador, tudo elle espera...

Vencendo corações os mais gentis,
Elle, como poeta, faz castellos
Que se erguem e desabam, com um gis..

(S. Paulo), 25-5-17

JOSÉ DA MERUÓCA

Anjo Fugitivo

LJ

Curvando me a teus péz me ajoelhava juro,
Se não te conhecesse a forma tentadora;
Chegava acreditar que um anjo do céu fora
E que baixará á terra, immaculado e puro.

Quando a visão enferma ou disfarçar procuro
Eu vendone passar graciosa, encantadora,
Parece me gozar o proprio céu... Noss'hora
Com coisas divinaes, verdade, te misturo!

E assim vivendo, è certo, engano por engano
Vendo a graça que tens, a que teu corpo
Na crença de Jesus vacillo... sou profano!...
encerra

"Es fugitiva!" Exclamo olhando os traços
Porque si existe um anjo encantador na terra
Ha de faltar um anjo encantador nos céus!
teus

PAULO ARAGÃO

Sobral-Ceará

entre gazes e rendas, nada mais
era que um sonho, um pesadello
do meu doentio e desastrado ce-
rebro.

S. Paulo

A. T. Y. Tomassini

A MULHER

(A' priminha Alzira)

...—"E' a suprema concretisação
da arte" — disse Raul Pompeia,
n'um arronbo incomparavel... Em
oposição entretanto a essa phrase
sublime, edificantes vem Schopen-
nhauer dizendo que — "A mulher
é um animal de cabellos compridos
e ideias curtas..." vem ain'la
o famoso romancista hespanhol Pe-
rez Escriche, affirmando que—"A
mulher, por to'a consumamção dos
seculos, é, e será sempre um ser
incomprehensivel".

Outro escriptor houve ainda —
e esse accusado de malvado es-
criptor, por parte de quem o cita-
que dissera—. . . "ser o olhar fimi-
nino um abysmo profundo de hy-
pocresias".

Termos, pois, uma serie immensa
de raciocinios prós e contras o
"bello sexo". Com qual devemos
agora nos abraçar?... Si nos ba-
seassemos pela maioria, forçoso nos
era concordar com os atacantes
que, nesta pallida chronica, não

sabemos o porque, são em numero
superior.

Porém, não é isso que preten-
demos. O nosso intuito aqui, não
é nem defender apaixonadamente,
e muito menos atacar com injusti-
ça. Mas, pesando um e outro ra-
ciocinio, conclue-se que as partes
se manifestam de accordo com o
sentimento que lhes affecta a alma.

E esse sentimento, pode muito
bem ser considerado uma paixão
favoravel ou desfavoravel que re-
sulta em tornar despeitadas as fon-
tes originaes...

Permittam agora os amaveis le-
tores, que externemos o nosso juizo
— muito embora obscuro — ácerca
desse — diabinho cheio de graça e
de canduras cheio — conhecido por
— Mulher, depois de lembrarmos
Pompeia e os atacantes.

Pois bem. Que a mulher con-
stitue o ideal dos ideaes na terra,
ninguem o nega. Si ha, entretanto,
mulheres perversas, as ha tambem
virtuosas e cheias de nobreza. Não
estamos, portanto, com os atacan-
tes. Citemos Julia Lopes de Al-
meida e como ella outras tantas
cheias de ideias lucidas, a semear
a luz fecunda do seu vasto saber
aos que vi em na indigencia dos
conhecimentos uteis. Como aceitar
a ideia de Schopenhauer dizendo...
"è um animal de cabellos compri-
dos... etc.?... Neste caso es-
tamos com Pompeia?... Tambem

não, — por nosso mal. Não, por-
que a mulher não resume o que se
pode chamar — perfeição. Dellas,
a mais santa, tem sempre uma
qualidade que desdoura em parte
os seus bellos dotes...

— O capricho!...

Não fôra isso, com immenso pra-
zer, diriamos com Pompeia: A
mulher é a suprema concretisação
da arte."...

Santa Izabel

F. Arantes

SAUDADES

Ao Manoel Mendes

A saudade é a flor que se avi-
venta da seiva da reminiscencia
e so v'nga no peito de un exila-
do; do poeta ella se desenvolve
prematuramente e è mais vice-
jante, contendo-o polemdo amôr
e o nectar da inspiração.

Sergio Ribeiro

Na primeira estação ridente da
minha vida, tudo era bello e diffe-
rente de agora, tudo me sorria e
agradava.

Nas auras ligeiras, em tudo, sen-
tia as vozes dos anjos acompanha-
das dos meus risos argentinos,
embalando a innocencia dos meus
actos que, por serem proprios de
cherubins, resplandeciam mais for-
temente no tumultuar da conscien-
cia humana.

Somente os scismares esperançosos é que me dão estímulo de vontade, lançando para o além a triste realidade que só termina no sonho do somno interminável.

As sombras tenebrosas que, presumo, de mim se approximam, parecem fallar mais que a eloquencia e sabietude de algum santo propheta e inda mais do que o meu entendimento, do que a minha razão, apesar de ter attingido o auge de sua forma perfeita.

Levantando bem alto as minhas ideias, fazendo-me inspirado de uma herculea energia que aliaz não sinto, para fechar os olhos deante da corrupção, teço e ganho arrastado pelas agruras irrisorias do destino, a coroa e o calice da amargura.

Nada mais esperava, a não ser isso, no vocabulario dos meus sentimentos.

Uma vez que cheguei á edade dos homens e das illusões peccaminosas, torna-se necessario como lei natural que tenha os meus momentos de dissabores.

A vida deve ser assim, poeta.

Porque si tudo navegasse em mar de rosas, sentiria a falta de alguma cousa, meio indefinido, e tudo havia de voltejar em tedio.

Manoel Mendes

Centro Litterario

“Amadeu Amaral”

Realizaram-se em 20 e 27 de maio p. p. e, 3, 6 e 17 deste, respectivamente, a 6.a, 7.a, 8.a, 9.a e 10.a reuniões do Centro Litterario “Amadeu Amaral”.

Na 6.a reunião, o sr. Coelho de Araujo, propoz como socio o sr. Fred. Wanderley que foi acceito; na 7.a foi acceita, por proposta do sr. A. T. Graça, a srta. Elvira da Costa Silva; na 8.a, entrou para o Centro, a srta. Iracema Schereiner Santos, por proposta do sr. A. T. Graça; em a 9.a, o sr. Coelho de Araujo propoz como socios os srs. Firmiano Pinto e Arlindo Viveiros de Figueiredo que foram acceitos; e na 10.a, foram recebidos os srs. Firmiano Pinto e Arlindo Viveiros de Figueiredo que, saudados pelos srs. Dirceu de Moraes e Coelho de Araujo, responderam agradecendo.

Perfis Normalistas

I

IDALINA SILVA

A senhorita, aqui perfilada, é extremamente sympathica e reside na rua São Paulo, numero impar.

E' muito jovem, pois, conta apenas 17 primaveras e já é terceira annista da Escola Normal do Braz.

De estatura regular, morena clara, nariz mediano; a sua bocca não é pequena, mas, em compensação nos seus labios paira sempre um sorriso meigo e seductor.

Seus olhos de um castanho escuro são ternos e sonhadores; os seus lindos cabellos são pretos e ondulados.

Suas maneiras são affaveis; trata a todos com a maior amabilidade.

Rizonha, expansiva e captiva a todos os corações.

Desconhece completamente o orgulho e a vaidade; sendo querida por todos que a conhecem, principalmente pelo A. N.

Dança admiravelmente e é minha miguinha intima.

Aprecio muito o seu caracter porque é franca e leal para com todos

ESPERANÇA

II

HAYDE'E SOARES DE SOUZA

De uma belleza peregrina, a senhorita aqui perfilada é morena, porem, de um lindo moreno claro e rosado.

Elegantes são os seus meneios; resumbra donaire o seu andar; magnetisa e fascina o seu congenite modo de olhar; seus cabellos são quasi negros, e, tral-os ella, presos de um modo mui gentil sobre a nuca; seus olhos são lindos, negros e estheticamente rasgados; são elles enfeitados por espessas sobranceiras que o tornam mais irresistiveis; seu nariz, um lindo nariz romano é tambem perfeito como a mais pe feita obra esculptural.

Sua bocca desabrocha-se em labios delgados e ligeiramente polpudos, que escondem, com ciumes,

dois fios de perolas perfeitamente dispostas.

Mais baixa que alta, esta jovem tem o poder de fascinar e attrahir a si, todos que a vêm.

Todas as bellas qualidades desta beldade, põe-na em relevo e fazem com que ella seja admirada sem enfado e proclamada sem contestação.

Cursa ella a E Normal do Braz, onde é muito querida pelos lentes e alumnos, devido as suas bellas qualidades.

Reside nos Campos Elyseos e é frequentadora assidua dos bailes do «Trianon».

JEANNETTE

III

ERMELINDA CESAR PINHEIRO

Linda jovem! Sua estatura e mediana, seu talhe é esbelto, seu porte volátil.

Sua côr é tirada do candido lyrio e do macio alabastro; seus cabellos são negros como as azas da graúna e caem-lhe sobre o rosto emoldurando-lhe o bello oval das feições.

E' de uma sympathia extrema! Essa jovem possui uns olhos encantadoramente negros, que brilham como duas perolas do Oriente, sendo sombreados por admiraveis cilios e pupercilios que me parecem foram traçados por mão de um pintor dos mais celebres.

Sua bocca é de uma esthetica indescriptivel; é bella como a Aurora e deixa transparecer, quando aflora em seus labios polpudos e carmezins, o mais encantador e o mais mimoso dos sorrisos.

Seu collo è assetinado e alvo como a neve.

As mãos?! Oh! essas, avelludadas garrulas e irriquietas como borboletas; ora prendem docemente os anneis encaracolados de seus negros cabellos e ora recahem sobre o peito, como para conter as pulsações do coração...

Quando anda, assemelha-se a um garboso cysne nadando nas limpidas aguas de chrystalino lago

Para adeantar direi que esta senhorita cursa a E. Normal do Braz e habita no districto da Sé.

JEANNETTE

Modo de se tratarem as pessoas

(O que se deve fazer)

Conversando com pessoas mais velhas ou de posição social, devemos ouvir mais do que fallar. Si a nossa opinião sobre qualquer assumpto é solicitada devemos dá-la mas não a defendemos com calor, mesmo que della tenhamos convicção. Devemos sem effectação, procurar acceitar ou, pelo menos, não regeitar, com enthusiasmo, o modo de pensar de uma senhora ou de um cavalheiro mais velho. Tratando-se de pessoa que seja por sua posição ou idade, nossa inferior, não devemos ouvir-a sem mostrar pouco caso devemos dar a nossa opinião com brandura, sem querer forçá-la. Si por falta de cultura ou intelligência a nossa opinião é totalmente impugnada, devemos delicadamente deixar cahir o assumpto, sem mostra de contrariedade.

No caso de ser o nosso interlocutor nosso igual em saber ou mais ou menos da nossa posição social, então podemos augmentar a discussão porém nunca em voz alta e com gesticulações que são mostras de má educação.

Si a pessoa é da nossa classe, embora um pouco mais velha ou mais moça, e pouco instruída ou de intelligência meioce, devemos, si temos plena certeza de estar com a razão, insistir na demonstração do nosso modo de pensar tanto mais, quanto maior é o nosso desejo de ser útil. Si porém o assumpto é mais ou menos futil, o melhor é não insistir,

Lembrar sem que com calma e delicadeza tem-se mais força que calor e aspereza.

REFERINDO-SE a outrem não devemos apontar seus defeitos. Não temos a lucrar quando consumamos os actos alheios. O costume de dizer fulano é isto; beltrano è aquillo, só nos pode prejudicar, sem beneficiar a ninguém.

Nunca è conveniente tomar liberdade ou intimidade com pessoas estranhas ou pouco conhecidas e com as conhecidas que nos merecem consideração e respeito ou com as que entendemos e que nos devem respeito.

Basilio Basco

Junho de 1917.

FILIGRAMA

(A quem me entende)

Na excelsa luz de teus olhos verdes, tão puro, qual pequenina gotta de orvalha, a tremeluzir por entre petalas de rasos, é que vou buscar inspirações, cujos estros, desferindo ignotas harmonias, me permitem descrever de um modo mais ou menos conciso esses teus minusculos órgãos denominados: — olhos — São elles o espelho da tua alma, atravez dos quaes transparecem em synthese todas as perfeições que concretisam o teu character intangivel. Verdes, da cor esmeraldina dos prados, os teus olhos, se convertem, por assim dizer, em mundos de poesia. cujos encantos servem somente, para roubar os corações conquistar as almas que vivem enbragados com o nectar sacrosanto de amor,

Que lindos são os teus olhos verdes!

Grandes, de uma vivacidade jamais vistas elles parecem fallar...

Os teus olhos, desferindo scintillações amorosas, traduzem, si uma linguagem plena de misterios, sentimentos nobilitantes e que muita vez são intermediarios de segredos e confidencias...

Os teus olhos glancos despertame no espirito concepções sublimes, tal a sua formosura, tal o seu encanto!

Morrer, na doce contemplação da esmeralda de teus olhos, é o supremo ideal, a eterna ventura!

Por elles, somente eu vivo!

Por elles, somente eu morro!

J. P. do Amaral

São Paulo 23-12-916

INTIMO

Ha muitissimo que amote em segredo...

O' morena formosa, meiga e pura,
Por isto vivo triste, vivo quêdo,
Sem poder confessar-te a minha jura

Si teus olhos alágres me fitassem,
Com caandura harmonia e com amor
Si teus olhos alégres me fallassem!
Que prazem! que docura! ô minha flôr!

Si de ti me approximo, ideal querido
Tu te recatas, tentas de esconder;
De contente me torno entristecido,
E as illusões parecem-me morrer,

Assim levo esta vida tristemente,
Sem saber de que modo te fallar
Si de ti me approximo, alegremente,
Tu te escondes de quem sabe te amar.

1-5-917.

Rizieri di Piero

Quando a razão falla...

Hoje, depois de dez dias, tornei a vel-a... Como sempre, ella estava fria qual um rochedo granítico desgarrado dos elementos e entranhado na terra; Implacavel como as ondas bravias do oceano procelloso; indifferente qual a Natura á supplica dos que soffrem; inexoravel como o proprio Deus que nega um consolo, uma esmola, de olhar de piedade, de commiserção áquelles que soffrem, desesperam e morrem a pouco e pouco sem uma alegria, uma crença, um consolo sequer!

Agora, á meia noite, volto de lá; lá desse logar maldicto onde tenho passado horas de terrivel desespero; momentos de agonia immensa, louca e profunda...

Ah! quem me dera crer numa cousa, num ente, num Deus! Então, talvez, o martyrio que condena esta desgraçada alma, se applicasse, dando-me um instante de ventura e socego!

Porem, nada tenho e em nada creio; sou um proscripto desprezado por todos: homens, animaes e cousas!

E tu, oh mulher! que podias dar-me um culto, um céu, um Deus; que podias fazer-me um justo, um bom, um crente; que podias tornar-me um escravo teu, um homem util aos outros, á sociedade, á Patria; que podias dar-me a felicidade, a vida, a gloria quicá, negas-me ssem remorsos, aquillo que, com certeza, nada te custaria!

Alma! oh minha pobre alma! Tu, que és immortal, porque padeces tanto? Si és espirito, porque procuras o amor, que é vã mentira, que é uma cousa pequenina, objecta, vil? Porque procuras, neste mundo onde tudo se vende e compra, um prazer ephemero, um gozo ficticio? Tu, que de tudo descres, para que te illudes com as bellezas materiaes? Porque és dominado por uma pessoa humana, quando não cres na humanidade? Não tens asco de ti mesma? Já é tempo, oh alma, de dominares os impulsos da carne, os féros desejos do corpo; e, com elles, essa paixão insensata que a ti só traz dores e descrença.

S. Paulo, 24-6-17

J. DE A.